

# Notas de um escritor romântico

Boletim Especial

de Casa do Estudante

do "Brasil" agosto/setembro de 1938.

(para o outubro - 25)

Evaristo de Moraes Filho

Escrevo para me vingar do mundo. Escrevo para amaldiçoar a vida. Se eu fosse feliz não escreveria. O homem feliz vive apressadamente, todo o seu tempo é pouco. Um instante por menor que seja lhe fará falta. Ele sabe que a felicidade é inconstante e imprecisa, por isso ele a goza sofregamente, com urgência. O homem feliz vive, simplesmente.

Escrevo porque sofro, porque espero, porque desejo. Se eu fosse resignado não escreveria. O homem resignado não sente, não vive, não sofre. Seu aspéto é de dôr, mas seu coração é de pedra. A dôr fê-lo alquebrado e triste, mas ele não a sente mais. E' um cadáver que a vida suporta.

E não vos esqueçais: eu escrevo porque odeio e espero, eu escrevo porque vivo e sofro, eu escrevo porque sinto e penso.

Ao escrever estas notas, eu procurei ser sincero e honesto. Até hoje a vida só me deu desenganos e tristezas. Chego aos 23 anos completamente desenganado: nada mais espero de vós! Fui franco e o serei sempre. Hoje, foi este livro de pessimismo e de dôr. Amanhã, talvez seja um livro de alegria e de felicidade. Eu já conheço quem me fará escrevê-lo. Eu já amo quem me ajudará a creá-lo. Mas hoje eu nego, eu odeio, eu ameaço.

vendo, não foi compondo o "Werther"? Em nenhum outro escritor a vida se separou tanto da arte como em Goethe. Ninguém foi mais covarde do que ele. Aconselhava uma coisa e fazia outra. Se Goethe tivesse tido um pouco mais de coragem, sua obra teria sido outra completamente diversa. Por isso eu não procuro me curar — se é que misantropia, se é que odio, se é que nôjo da humanidade tenham cura!

Eu tenho o mesmo espanto de Beethoven ao ver Goethe descobrir-se e curvar-se á passagem da família imperial. Eu não posso perdoá-lo! Jamais o perdoarei! O Goethe real foi o Goethe que mandou viver a vida intensa, resoluta e belamente; foi o Goethe que pré-gou o desespero e amou a liberdade: "Sim, não cesses de gritar e de maldizer: isto nunca irá melhor. Consolação é uma palavra absurda: quem não póde desesperar não deve viver".

Nada ha tão reconfortante como a alegria da criação. Tudo se concentra na obra que surge. O coração bate com força, o espirito pensa com desembaraço, a pena corre livre no papel. E' esta a recompensa mais alta de quem escreve. Nada lhe interessa, ele está voltado para sua obra, empolgado em sua volutuosidade aguda. O creador inflama-se e sente uma intensidade iné-

Escrevo para desabafar. Escrevo porque sinto uma necessidade interior de desafogo. Não escrevo para agradar ninguém. Vivi muito tempo entre vós, frequentei vossas casas, li os vossos livros, e sei o que vos agrada. E por isso mesmo só digo o que vos possa atormentar. Por isso mesmo só escrevo o que vos possa perturbar. Conheço-vos muito bem! Mais do que podereis suspeitar. Sei que a vossa alma é devassa e corrompida. Sei que o vosso coração é máu e perverso. Sei que a vossa vida é alegre e feliz. Por isso nada espero de vós. Por isso escrevo para desabafar.

Já estou farto, já estou cansado de ser admirado. Não quero mais admiração. Quero amôr, quero interesse, quero companhia. A admiração não me proíbe de meditar, e meditando eu estou sempre só. Na meditação está a dôr mais cruel, porque mais prolongada. Não quero a cortezia do elogio, quero a intimidade da paixão. Quero alguém que chore com a minha tristeza, que ria com a minha alegria, que vença com a minha vitória, que fracasse com a minha derrota.

A vós todos que me admirais, a vós todos que esperais de mim, vinde, dai-me animo, ensinai-me a viver, amparai-me! E' por vós que eu ainda vivo. E' por vós que eu ainda escrevo. Se não fosse a esperança de vos alcançar, se não fosse a certeza de vos encontrar, eu já teria morrido.

Já tive **I Fioretti**, de S. Francisco de Assis e a **Sonata ao luar**, de Beethoven como simbolos. Hoje, eu prefiro **O homem acabado**, de Papini e a **Apassionata**, de Beethoven.

Goethe manda que os autores procurem se curar primeiro para depois poderem escrever. E ele, como se curou da sua paixão, do seu medo do suicídio? Não foi escre-

tuosidade aguda. O creador inflama-se e sente uma intensidade inédita em sua alma. Dobra-se, freme, vibra, sente a cabeça escaldante, mas prossegue, não pára enquanto tiver forças. Todas suas faculdades se iluminam. Já não ha tempo a perder. Sua vida vai terminar, e ele ainda não disse tudo. Não é possível u'a maior sensação de vida, uma maior consciencia vital. Todas suas forças estão agitadas e profundamente acrescidas. E ele sorri no meio do tumulto. Sua vida vale por esses instantes. Nada ha tão reconfortante como a embriaguês da criação.

O grande escritor despreza o êxito. Por isso ele é grande. Suporta-o sómente, porque ele sabe que o êxito é uma simples quantidade de aprovação official. Ele agora não pode ser ele mesmo. Agora ha uma sociedade que espera dele. E' preciso servi-la. E o escritor começa a mentir, começa a falsificar, começa a fugir do seu ideal. Mas ele nunca esquece o seu tempo de anonimato, quando ele podia odiar á vontade, quando ele tinha motivo de odiar. Hoje ele se sente mal na vitória. Sente-se confuso no triunfo, porque seu êxito foi só exterior, sua glória foi só objetiva. No íntimo ele é o mesmo homem do tempo em que ninguem o via, em que ninguem o admirava. E ele não póde esquecer. Desconhece o esquecimento! Todas as desgraças que ele viu, todas as dôres que ele sofreu, permanecem quentes e vivas em sua memoria. Ressôam ainda em seus ouvidos os gritos dos desesperados, sulcam ainda as suas faces as lágrimas que ele chorou. Ele vê quanto é feliz quem esquece, quanto é feliz quem perdôa. Ele perdôa, porque compreende, mas não esquece. Isso, nunca! Sofre pelo que já sofreu, sem que uma palavra de amor lhe faça voltar á vida. Nunca mais poderá esquecer as ofensas recebidas. Lembrar-se-á sempre das miserias que suportou entre pessoas distraidas. E por não esquecer, ele não póde amar. Por não esquecer, ele não póde esperar. Por isso, um escritor de êxito é uma sombra, é um espéctro de homem.

O escritor não escreve com a mesma facilidade com que o leitor lê. Muitas vezes numa página vai um pedaço da sua alma, vai um projéto da sua vida, vai o melhor dele mesmo. O escritor dá tudo que tem e nada recebe em troca. Ele conta suas dôres, suas alegrias, seus ideais, seus fracassos, e tudo é transformado em diversão. O leitor quer passatempo, seja uma tragedia ou uma comédia. Ele se emociona — ás vezes — por alguns momentos e depois tudo passa. Mas o escritor não se curou por escrever. Ele continúa só toda a vida. A dôr não desapareceu do seu coração. O leitor só quer literatura, não lhe interessa a verdade. Por mais que o escritor seja sincero, nunca é convincente. Todos vêm nele um mentiroso, um lirico doentio. Não acreditam na desgraça que ele descreve. E sua tristeza aumenta, porque se viu incompreendido e criticado. Porque se sente bufão e divertidor, porque se viu obrigado a escrever.

O que o escritor dá ao público não surgiu de uma só vez, não saiu perfeito de sua mão. Custou-lhe muito trabalho, muita insonia, muito desespero. Muitas vezes ele rasgou o

que tinha feito, muitas vezes ele se debruçou cansado sôbre a mesa sem que lhe acudisse a palavra precisa. Seu nervosismo aumentava, sua confusão crescia, e ele não conseguia escrever. Quem lê desconhece a tragedia da criação. Desconhece a angustia do escritor que queria ser perfeito, que via a perfeição mas que não a podia alcançar. Quando ele entrega sua obra ao público, ninguém avalia, nem compreende, sua tortura em dizer tudo que sente, em exprimir tudo que deseja.

---

Sou adepto do romance social, objetivo, realista. Mas também aceito o psicologico. O que importa é que sejam humanos. Porque a mente de cada um reflete a sua situação social, sua função social. Pode-se, pois, vêr a sociedade através de um cerebro, como quem vê a nuvem refletida no lago. Uns preferem ver a nuvem dirétamente. Mas nem por isso a nuvem deixará de se refletir no lago...

(Trechos de um livro, em projéto, chamado "Jornal de um homem de 23 anos". Se ele fôr terminado, será publicado).